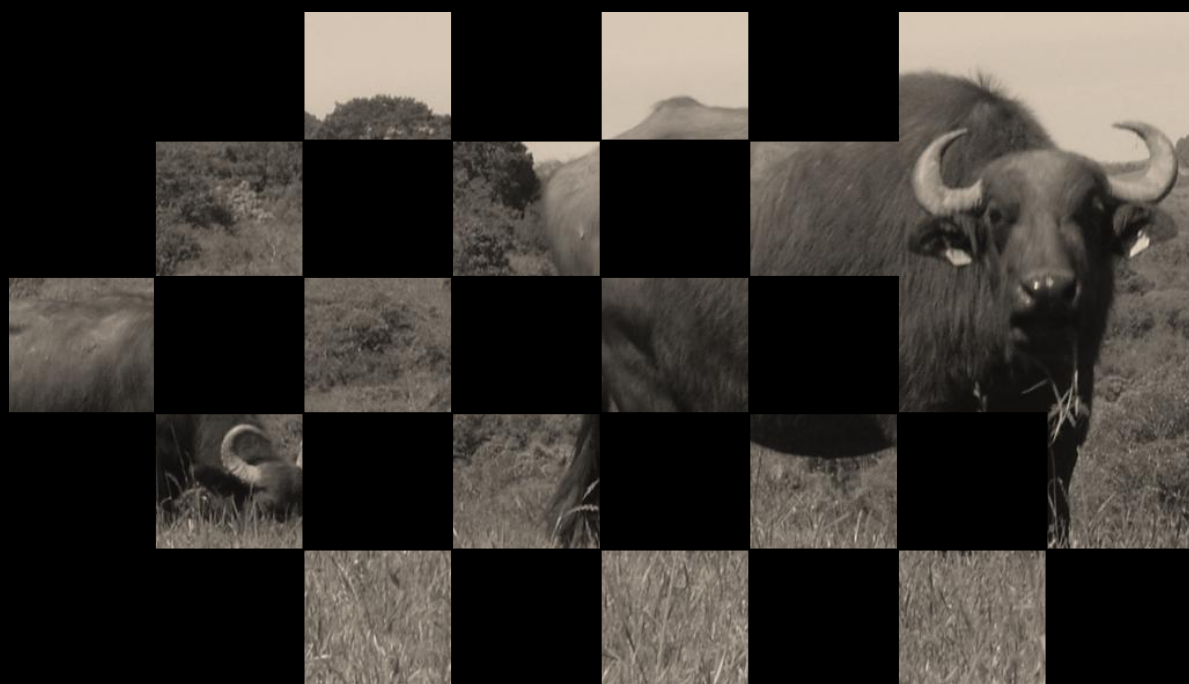


Introdução dos

Búfalos no Brasil

HISTÓRICO
FUNDAÇÃO
PIONEIROS
IMPORTADORES

ALBERTO ALVES SANTIAGO



ABCB
Associação Brasileira de Criadores de Búfalos

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE BÚFALOS

A Associação completou neste 21 de abril, 40 anos de existência. É chagado o momento para recordar os primórdios de sua fundação, registrada para sua Memória os fatos que a antecederam, lembrando os importadores, animais e os pioneiros na exploração dos bubalinos.

I

Solicitou-nos o companheiro e amigo Paulo Joaquim Monteiro da Silva que fizéssemos um relato da origem e histórico da Associação de Criadores de Búfalos, mencionando os importadores, a atuação de seus primeiros criadores, o trabalho de técnicos empenhados na sua difusão e no melhoramento da utilíssima espécie doméstica.

Durante muito tempo o Búfalo permaneceu como um desconhecido em nosso país, insulado em fazendas de Uberaba, Cássia, Franca e Santa Rosa, e há mias tempo proliferando na distante Amazônia. Pouco interesse despertou entre nossos estudiosos nas primeiras décadas do século findo. Suas origens e possibilidades permaneciam ignoradas de seus próprios criadores, raramente eram focalizados nas publicações agropecuárias e sem eram matéria de ensino nas escolas de Agronomia e Veterinária.

O reduzido contingente de animais importados no passado, e o fato de o Búfalo não se cruzar com outras espécies de bovídeos, retardaram o aumento da população até a metade do século XX. Não figurava nas estatísticas e para muitos era apenas um animal selvagem, quando não confundido com os bisões americanos.

II

A ENTRADA NA AMAZÔNIA

Narram as crônicas que os primeiros Búfalos teriam entrado na Amazônia, em 1890 ou 1895, trazidos por condenados foragidos da Guiana Francesa em um barco que aportou na cota norte da Ilha do Marajó. Seriam da variedade Maláia ou da China, mas provenientes de Ilha do Caribe ou das Guianas, onde foram introduzidos pelos colonizadores ingleses e holandeses.

A mais remota entrada que se tem confirmado, é o de uma importação por volta de 1902 feita por Bertino Lobato de Miranda, para sua Fazenda São Joaquim, nas margens do rio Ararí, na Marajó. Eram Búfalos pretos, de procedência italiana.



Mais conhecida é a importação de 1906, feita por Vicente Chermont de Miranda para sua Fazenda Dunas e Ribanceira, na costa norte de Ilha. Com a ida de Chermont para o sul, seu rebanho ficou praticamente abandonado, tornando-se semi-selvagem e embrenhando-se nas matas e alagados da região. Eram tipo que veio a ser chamado “Rosilho”, mais tarde identificado como Carabao. Pela ordem cronológica seguiu-se aquisição em 1907 pela Usina Central-Leão de Alagoas, através da famosa firma Hagenbeck, de Hamburgo de Búfalos castanhos, pretos e com manchas brancas, já com denominação de “Carabao”.

Era hábito dos pecuaristas Marajoaras a caça aos “Rosilhos”, abatendo os machos para consumo e procurando amansar as fêmeas e os animais novos, utilizando-os nos trabalhos e cruzado-os com os “Pretos”, dando uma considerável parcela de mestiços.

Outra importação naquela época, para o Pará, foi devida a José Júlio de Andrade, para a sua Fazenda Arúmanduba, no Baixo Amazonas, perto de Belém. Ocasionalmente, nas décadas de 20 e 30, alguns poucos exemplares foram levados de Cássia e Franca para o Pará.

Na década de 50 o paulista Felisberto de Camargo importou da África de Sul, um reprodutor para melhorar o plantel de elite do Instituto Agrônomo do Norte, mantido nas plantações Ford de Belterra. Não havia possibilidade de trazer da Índia Búfalos selecionados, em vista da proibição mantida pelo Ministério da Agricultura.

Em 1908 a firma Karl Hagenberck que mantinha em Hamburgo um famoso circo e um estabelecimento de importação e exportação de animais selvagens, inclusive com postos na Índia, remeteu para o jardim Zoológico do Rio de Janeiro, onde foram colocados à venda alguns casais de Búfalos. Todavia em vista da falta de interesse dos pecuaristas fluminenses, esses exemplares foram levados para a Amazônia, onde se desenvolvia a sua criação.

Na década de 40, o DNPA – Departamento Nacional de Produção Animal, do Ministério da Agricultura tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos bovinos Europeus, e até mesmo pelos Zebuínos, decidiu estimular a pecuária regional do Pará, com programas de fomentos dos Bubalinos. Foi organizada a Fazenda de Criação de Soure, que recebeu um plantel de Búfalos “Pretos”, para a seleção da aptidão leiteira, conduzida por muito tempo pelo dedicado zootecnista Hugo Borborema. As fêmeas em lactação eram mantidas em regime de semi-estabulação e controle leiteiro, o único de que se tinha notícia na época, com produções de 8,10 e até 12 quilos diários.

Reprodutores e matrizes desses estabelecimentos eram vendidos anualmente em leilão para criadores da Ilha e de outras regiões do Pará. Rebanhos foram formados pelo Instituto Agrônomo do Norte, sem sua sede no Município de Belém e em Belterra. Na margem direita do Rio Amazonas, em Santarém no Pará, foi instalada a Estação Experimental de Maicurú, que chegou a possuir quase 2.000 Búfalos.



III

A ESTRADA DO SUDESTE

A PRIMEIRA ESTRADA DE Búfalos no Brasil Meridional ocorreu em 1918, quando o uberabense Virmondos Martins Borges trouxe da Índia grande número de reprodutores das raças Guzerá e Gir e 2 casais de Búfalos, com predominância de sangue Jafarabadi, para sua Fazenda Boa Esperança. Logo depois cedeu um casal para o seu amigo e cliente Antenor Machado de Azevedo, proprietário da Fazenda Cidreira, em Cássia, Minas Gerais, que se tornou um dos maiores rebanhos da região.

Os primeiros produtos vendidos por Antenor Machado destinavam-se a criadores de Franca, que veio a ser o principal centro de criação de Bufalinos no Estado de São Paulo.

Com o crescente interesse pelas importações de 1918, Antenor Machado decidiu enviar seu filho Moacyr de Melo Azevedo, em companhia dos zebuzeiros Cacildo Arantes e Josias Ferreira, que além de muito gado indiano trouxeram em 1920 dois casais para a fazenda de Cássia, dizendo que RAM da raça Murrah ou Delhi. Talvez não fossem puros, e convivendo com os Jafarabadis, vindos de Uberaba, é natural que sua descendência fosse constituída em sua maioria de animais cruzados.

Como bom italiano, Matarazzo apreciava muito a ricota e a mozzarella, razão pela qual mantinha na chácara Piqueri, nos arredores de São Paulo, algumas fêmeas em lactação para o fornecimento da matéria prima para sua indústria caseira de laticínios. Da fazenda Amália saíram, em diversas épocas casais e ternos vendidos para criadores de outras regiões de São Paulo e até mesmo para Estados vizinhos.

Em fins de 1947, Umberto lemma decidiu emigrar para o Brasil, trazendo a Companheira, a filha e o jovem Ldo Berett, que cedo se tornou prestativos auxiliar, virou genro e o sucedeu na criação. lemma adquiriu terras no município de São Miguel Arcanjo, dando início a sua criação na Fazenda Santi Antonio, a partir do lote de 2 machos e 20 matrizes novas, acrescidas de 10 fêmeas Jafarabadis compradas em Cássia e 30 vindas de Fazenda de Matarazzo, portanto da mesma origem de seu rebanho.

Mantinha a propriedade com a produção de leite das búfalas e a pequena industria de laticínios. Tornou-se muito conhecido devido a série de artigos e reportagens em jronais e suplementos agropecuários.

lemma se integrou perfeitamente na classe pecuária, vendo a participar de exposições na região e na capital paulista. Em fins de 1949 já estava com mais de uma centena de animais, inclusive duas safras de bezerros. No ano seguinte enviou para o Frigorífico Wilson, em São Paulo, um lote de 40 novilhos castrados visando demonstrar o valor da espécie na produção de carne. São Miguel Arcanjo tornou-se lofo uma importante fonte de bons reprodutores para outras incipientes criações em todo o Estado.



Com o falecimento do comendador Iemma, Aldo Pereira prosseguiu com o trabalho da Fazenda Santo Antônio, e mais tarde veio a ser o primeiro Presidente da Associação. Lotes de garrotes e novilhas eram disputadas pelos pequenos pecuaristas revolidos a entrar nessa criação, dada sua fama de selecionador caprichoso.

Assim, o rebanho Bubalino de São Paulo, e mais tarde de outros Estados, ficou constituído de animais de duas origens completamente diferentes e importantes: os Indianos e os Italianos. Por muito tempo, com exceção do pessoal de Franca, que mantinha puros os seus animais Jafarabadi das importações de 1918 e 1920, a maioria dos criadores dispunha de animais cruzados ou mestiços em sua maioria, e apenas um pequeno contingente com características mais definidas de um ou outro grupo – da Índia ou da Itália.

IV

A IMPORTAÇÃO DE 1962

Em 1960 o selecionar Celso Garcia Cid. De Londrina, Paraná, conseguiu a duras penas trazer da Índia um lote de mais uma centena de reprodutores e matrizes das raças Zebuínas, contrariando e vencendo tenaz resistência dos burocratas do Ministério da Agricultura, que desde 1921 proibiam terminantemente a importação de gado Indiano. Esse fato animou criadores paulistas e mineiros a pleitearem do Ministério da Agricultura licença para uma nova importação.

A solicitação feita pelos criadores Torres Homem Rodrigues da Cunha, Rubens de Andrade Carvalho, Veríssimo Costa Junior, José Cesário e mais uma vez Garcia Cid, encontrou grande oposição do Ministério da Agricultura. Pressionado politicamente, por fim o Ministro nomeou uma comissão constituída de técnicos de expressão, representando os Estados de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. Participaram também diretores e técnicos da Associação Brasileira dos criadores de Zebu. Coube-nos representar a Secretaria da Agricultura de São Paulo, na dupla condição de Diretor do Departamento de Produção Animal e Diretor Técnico da Associação de Criadores de Búfalos, tendo batalhado, bastante para que a licença fosse concedida, portanto considerávamos indispensável o “refrescamento” de sangue de nossos rebanhos Zebuínos e principalmente dos Bubalinos.

Mais uma vez, junto com os reprodutores Zebuínos, vieram de duas dezenas de búfalos, desta vez puros e bem selecionados, pertencentes às raças Jafarabadi e principalmente da Murrah. Para que a importação se efetivasse, foi exigido o Parecer Técnico da Associação de Criadores de Búfalos, já em fase de reconhecimento pelo Ministério da Agricultura. Assinaram esse parecer o presidente Paulo Joaquim Monteiro da Silva e o Diretor Técnico da Associação.



A chegada desses animais trouxe um grande estímulo para os criadores e selecionadores brasileiros, por constituir a fonte de reprodutores de raças puras, indispensáveis ao melhoramento genético do rebanho Bubalino nacional, quase todo ele muito consanguíneo devido aos poucos casais indianos importados em 1918 e 1920, animais esses de regiões diferentes da Índia, e sem comprovante de seu maior ou menor grau de pureza racial. A importação de 1962 representou um marco na exploração e na expansão do rebanho Bubalino no país.

V

ESTUDOS E FOMENTO

O primeiro autor brasileiro a se ocupar com os bufalinos foi o cientista Miranda Ribeiro. Em sua estada na Amazônia procurou estudar os Búfalos da Ilha do Marajó, tanto os de pelagem negra como os outros mais claros, portadores de regiões brancas no pescoço e nas extremidades dos membros. Notou que estes últimos diferenciavam ainda dos pretos quando ao desenvolvimento, perfil cefálico, inserção, forma e tamanho dos chifres. Formaram a grande maioria dos animais semi-selvagens, espalhados pelas matas e áreas alagadas. Eram chamados “Rosilhos”.

Em seu trabalho “Esboço Geral da Fauna Brasileira” publicado 1922 pelo Ministério da Agricultura, Miranda Ribeiro classificou o “Rosilho” como pertencente à subespécie *Bufalus bubalis kerebau*, que veio dar a palavra “Carabao” tipo predominante na Malaia, Indonésia, Indochina, Filipinas e na China, regiões em que desempenha papel importantíssimo nos trabalhos agrícola, desde o preparo do solo, servindo ainda como animal de solo e tração.

O professor Octavio Domingues, catedrático de Zootecnia da Escola Agrícola de Piracicaba, e depois na Escola Nacional de Agronomia, no Rio de Janeiro, talvez tenha sido o primeiro Zootecnista a escrever em agosto de 1951, sobre os Búfalos na antiga revista “Sítios e Fazendas” sob o título “Criação de Búfalos no Brasil”.

Trabalho mais extenso, “O Búfalo no Brasil”, foi publicado no “Anuário Agrícola Brasileiro” ano 1956-1957, distribuído sob a forma separata. Descreveu o sistema de exploração econômica do Bubalino, suas aptidões, características étnicas e distribuição no País.

Comentando no “Suplemento Agrícola” de “O Estado de São Paulo”, a IV Exposição – Feira de Zebuinos, em 1959, Domingues se disse impressionado com a representação de Búfalos pela sua qualidade, seu número, mansidão e cuidadoso preparo. Manifestou, entretanto a sua opinião de que “os criadores não deveriam se preocupar com as questão “raça”, mas se empenhar no melhoramento da produção de leite, como sua principal função econômica”.



O Zootecnista João Barisson Villares, retornando de sua viagem em 1955 à Índia, em setembro e outubro, proferiu uma série de palestras sobre a pecuária indiana, que foram amplamente divulgadas pelos jornais e revistas agropecuárias. Em seu “Relatório de Viagem”, deu especial destaque ao numeroso e variado rebanho indiano de Búfalos, que supera largamente o gado Zebuino na produção de leite.

Na direção do Departamento de Produção Animal, Villares estimulou e deu assistência a criadores, além de promover as primeiras Provas Zootécnicas de se tinham conhecimento, delas participando animais de criação do Estado e de particulares.

Em uma das Provas, na Fazenda Experimental de Criação de Sertãozinho, em 1957, concorreram 12 Bubalinos, 3 machos Indianos e 9 fêmeas sendo 3 Italianas e 6 Indianas, que superaram média de ganho de Peso do conjunto de raças Zebuínas. Controles das produções de carne e leite passaram a ser realizados pelo Estado, Associações e Particulares.

Papel importante na expansão e no melhoramento do rebanho Bubalino brasileiro tem sido o de Paulo Joaquim Monteiro da Silva. Formado pela Escola Politécnica em 1947, iniciou sua carreira como Engenheiro do Departamento de Obras Públicas – DOP da Secretária da Viação, Encarregado de acompanhar e fiscalizar obras em Municípios do Litoral Sul e do Vale do Ribeira tornou-se perfeito conhecedor de toda a região.

Em 1951 adquiriu uma gleba em loteamento da Empresa Colonizadora Nipo Brasileira, mais conhecida como K. K. K. K., onde iniciou sua atividade como agricultor experimentando várias culturas recomendadas para aquela área, caracterizada pelo clima quente, úmido e solos pobres.

Ciente das dificuldades na criação de bovinos voltou-se para os Búfalos, tendo em 1957, adquirido 1 garrote e 4 novilhas prenhes do rebanho de São Miguel Arcanjo. Dois anos mais tarde, aumentou seu palntel como mais 10 fêmeas da mesma origem. No início, a criação estava localizada no sítio Ribeirão Vermelho em Sete Barras, à margem da mesma origem. No início, a criação estava localizada no sítio Ribeirão Vermelho em Sete Barras, à margem da Rodovia BR 116, no quilometro 435 e mais tarde na Fazenda Santa Irene do Sul, em Pariquera-Açu, onde o rebanho se expandiu mediante outras comprar.

Paulo Joaquim revelou-se negociante muito ativo, efetuando compras e vendas constantes, onde havia Búfalos. Quando o Conde Matarazzo decidiu encerrar sua criação, ele comprou parte do rebanho, desde bezerros até animais mais velhos, para descarte imediato. A maior parte ficou com Severo Gomes, sendo levado para a Fazenda Santa do Rio Abaixo, em Jacarei-SP, onde foi formado grande rebanho do tipo italiano, com exemplares comprados em São Miguel Arcanjo.

Associado a Roberto Sampaio de Almeida Prado passou a adquirir animais de várias origens, para povoar a Fazenda Porangaba, em Flórida Paulista, onde chegaram a possuir cerca de 600 cabeças. Essa propriedade foi visitada em 1971 por Ross Cockrill,



grande especialista em Bubalinos, descritos em sua grande obra. Com a mudança do programa de trabalho da propriedade, o rebanho foi vendido para outras fazendas da região e até para Minas, Bahia e Pará.

Paulo Joaquim foi um inspirador e animador da importação de 1962, insistindo com Celso Garcia Cid que tão bem conhecia o papel do Búfalo na vida do povo indiano, para que trouxesse o lote de Murrahs. Por outro lado, o técnico José Deutch induziu Torres Homem Rodrigues da Cunha a trazer além do terno de Jafarabadi palitana um lote de Búfalos Murrah, raça que ele apreciava muito. Paulo Joaquim esteve presente no desembarque do gado em Santos, vindo de Fernando de Noronha, ocasião em que comprou logo um bezerro Murrah nascido durante a viagem. Paulo procurou adquirir em Uberaba os primeiros animais nascidos, uns para o seu plantel e outros para a venda a amigos. Empenhou-se, a partir daí, em formar o seu rebanho Murrah, através do cruzamento absorvente de reprodutores puros Indianos, com a sua vacada originária de São Miguel e de Santa Rosa, tendo em vista elevar aptidão leiteira.

Paulo Joaquim veio a se tornar além de criador e selecionador, o maior adepto e admirador dos Bubalinos, proclamando suas qualidades e aptidões econômicas para as regiões tropicais.

Foi dos primeiros criadores a participar das Exposições - Feiras de Gado Indiano realizadas até 1960, onde sempre se destacou pela qualidade de seus animais e acertada escolha dos conjuntos, conquistando os melhores prêmios. Teve sempre a preocupação de divulgar as notícias e artigos técnicos e de fomento, inclusive os de sua autoria.

Fundador da Associação de Criadores de búfalos participou sempre de sua Diretoria, alternando as funções de Presidente e Vice-Presidente, tornando-se a sua viga mestra e atuando intensamente em prol da espécie Bubalina.

O Autor, do presente, tendo ingressado na carreira de Zootecnista no Departamento de Produção Animal foi designado em 1940 para integrar à Comissão de Registro Genealógico das Raças Zebuínas, da Sociedade Rural Brasileira, delegada da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, atual Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

No exercício dessa função que se entendeu até 1952, efetuamos visitas a Fazenda de todas as regiões do Estado e de muitas de Minas, Rio de Janeiro, Parná e Mato Grosso.

Em muitas propriedades, ao lado de animais das raças de origem Indiana, víamos pequenos grupos de Búfalos, tendo aproveitado para colher informações, coligir dados, juntar documentos e material fotográfico para elaboração de artigos técnicos e folhetos sobre a espécie, na "Revista dos Criadores", de 1955 a 1960, e em jornais, principalmente no "Suplemento Agrícola" de "O Estado de São Paulo", e de outras publicações agropecuárias.

Face a esses trabalhos, Paulo Joaquim convidou-nos para acompanhá-lo em suas viagens a fim de visitar outros criadores e regiões. Travamos boas relações, tendo



oportunidade para a troca de idéias e conhecimentos no tocante ao comportamento e desempenho dos Búfalos, em diferentes condições de meio e sistemas de manejo.

Em reuniões Técnicas, no Departamento de Reprodução Animal, em Associações de Criadores e na Sociedade Brasileira de Zootecnia realizamos palestras divulgando nossos estudos e observações no campo da pecuária, e sempre focalizando os Búfalos como espécie econômica merecedora de mais atenção e aproveitamento.

Uma série de entrevistas concedidas de 1956 a 1960 aos jornalistas Aderbal Figueiredo, do “Diário da Noite”, e Moupyr Monteiro de “O Correio Paulistano”, deu margem a diversas e extensas reportagens sobre exploração dos Búfalos, que despertaram grande interesse.

Como resultado desses trabalhos alguns criadores se animaram a participar das Exposições de Franca e nas Exposições-Feiras de Gado Indiano no fim da década de 50. Surgiram então novos criadores em localidades de São Paulo e em Estados vizinhos.

Em janeiro de 1959, a convite da Associação Rural da Pecuária do Pará, e sob o patrocínio da Superintendência do plano de valorização da Amazônia, viajamos ao Pará, a fim de proceder ao julgamento de gado Zebu na 7ª Exposição Regional do Marajó. Ficamos conhecendo a Fazenda de Criação de Soure, onde havia um plantel submetido a seleção para produção de leite, em regime de meia estabulação. No Instituto Agrônomo do Norte, em Belém, tomamos conhecimento dos trabalhos conduzidos pelo Diretor Rubens Rodrigues de Lima e o zootecnista Abnor Gondim.

Irval Lobato, da tradicional família de criadores Paranaenses, nos levou por água, por terra e pelo ar, para conhecer os “Rosilhos” selvagens nas matas e alagados da Marajó. Estivemos em seguida, na Fazendas São Joaquim, Santa Rita, Tapera, Ribanceira e outras próximas onde são explorados os Búfalos “Pretos”, e exemplares dos “Rosilhos” mansos e muitos produtos do cruzamento entre essas duas subespécies.

Essa viagem a Ilha do Marajó veio permitir completarmos nossos estudos e observações sobre Búfalos, porquanto encontramos no Setentrião uma população diferente daquela do Sul do Brasil. No Instituto Agrônomo do Norte, em Belém do Pará, nos inteiramos do programa de Seleção Leiteira, conduzida pelo diretor Rubens Rodrigues de Lima e o professor Abnor Gondim, o mais entusiasta animador da criação de Búfalos da Amazônia. Completamos a nossa viagem com a visita aos rebanhos da antiga Plantações Ford em Belterra e a Estação Experimental de Maicurú, pouco abaixo de Santarém, onde foi formado o mais numeroso rebanho em processo de seleção para corte.

Tendo adquirido uma visão muito ampla dos problemas de nossa pecuária, acabamos convencido de que os Búfalos poderiam contribuir ponderavelmente para o aumento da produção de leite e de carne nas regiões em que os Taurinos e mesmo Zebuínos não se comportam satisfatoriamente, face a adversidade dos fatores do meio ambiente.



Em maio de 1958 em Reunião do Conselho de Política da Agricultura, na sede da Secretaria foi apresentado o nosso estudo intitulado “A Exploração do Búfalo” – Sua Importância Econômica e Possibilidades no estado de São Paulo, Especialmente no Litoral”. O trabalho encontrou muito boa acolhida, o que nos animou a apresentar na água Branca um Projeto visando a introdução de Búfalos no Litoral.

VI

BÚFALOS PARA O LITORAL

No início da década de 50, o Estado de São Paulo em seus 247.000 Km² possuía cerca de 9 milhões de bovinos, apresentando uma densidade de 36,5 cabeças por unidade de área, enquanto na região do Litoral e do Vale do Ribeira a concentração era apenas de 0,8 bovinos por Km², sendo 45 vezes inferior a do Planalto. As condições de calor e umidade dificultavam a exploração agropecuária e agricultura em geral, tomando a região com o menor desenvolvimento e a mais pobre do estado, em virtude da deficiência dos meios de comunicação e falta de assistência do Poder Público.

Impunham-se medidas para estimular a economia regional e exploração de Bubalinos poderia ser um dos recursos viáveis. Na chefia da Seção de Genética Animal e Reprodução, do Departamento de Reprodução Animal, elaboramos em 1948 o Projeto 46, estabelecendo as normas técnicas e recursos para o estabelecimento de pequenos rebanhos de búfalos no litoral do Estado. Somente no ano seguinte contamos com verba orçamentária para aquisição de reprodutores e matrizes.

Foram adquiridos do criador Severo Gomes, de Jacareí, 2 lotes constituídos de 1 reprodutor, 7 fêmeas em lactação e suas crias. O primeiro lote levamos para Ubatuba, destinado a Estação Experimental do Instituto Agrônomo, que ali permaneceu por 6 anos, sendo transferido para a Região Sul, em vista do desinteresse dos sítiantes do Litoral Norte, com estreita faixa de terras entre o oceano e a serra do mar, com vocação mais para pesca, lazer e turismo.

O segundo lote foi levado de Jacareí para Pariquera-Açu, haviam sido preparadas instalações na área cedida pelo convênio com Instituto Agrônomo, para a manutenção desses animais nas terras da Estação Experimental do Vale do Ribeira.

O pequeno plantel, acrescido dos exemplares transferidos de Ubatuba, e em virtude da fertilidade das Búfalas, cresceu rapidamente, demonstrando a perfeita adaptabilidade nessa região onde Taurinos e Zebuínos não apresentavam desempenho satisfatório. A venda de reprodutores e matrizes permitiu a formação de diversos novos rebanhos e com o decorrer dos anos, a região se tornou o principal centro de exploração de Bubalinos na Região do Sudeste.



Em decorrência da multiplicação dos rebanhos e considerável aumento da população, desenvolveu-se a exploração e comercialização do leite, permitindo igualmente a formação da Indústria de laticínios com base no leite de Búfalas, de alta qualidade, para atendimento do mercado paulista e até com exportação desses produtos.

VII

FUNDAÇÃO DA ENTIDADE

Em abril de 1960 realizava-se em São Paulo, no tradicional Parque da Água Branca, a IV Exposição-Feira de Gado Indiano, reunindo pecuaristas de vários Estados e os mais representativos criadores de Búfalos de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. A representação era numerosa e de qualidade demonstrando o progresso de criação.

A expansão do rebanho, com núcleos multiplicando-se pelo País, estava exigindo a união dos criadores em uma Associação com objetivo de promover o aprimoramento das raças, fixando diretrizes para os trabalhos seletivos. E o que era fundamental, a organização de um serviço de Registro Genealógico, como acontece com as demais espécies e raças de animais domésticos, para o estabelecimento da genealogia do rebanho, elemento indispensável para sua comercialização.

Essa falha precisava ser corrigida com urgência, o que nos levou – Paulo Monteiro da Silva e o Autor a elaborar os estatutos para a Associação de Criadores de Búfalos, aproveitando o comparecimento de muitos criadores naquela *Exposição*.

Por outro lado, havia o movimento de Zebuzeiros empenhados na importação de gado da Índia que, como no passado, daria oportunidade para a compra de reprodutores das raças Jafarabadi e Murrah. Porém, a importação de Bubalinos esbarrava com uma dificuldade, que era a exigência do Ministério da Agricultura de manifestação de uma Associação de Criadores, demonstrando a necessidade e a importância da Introdução de animais de alta classe, em condições de levar o nível do rebanho.

Essa situação fez com que a convocação da Assembléia de Fundação da Associação de Criadores de Búfalos do Brasil fosse bem recebida. Estavam presentes no Salão Nobre do Parque da Água Branca vários expositores e criadores destacando-se Severo Gomes, Aldo Beretta, José Jacintho da Silva, Continetino Jacintho da Silva, Breno Lima Palma, Francisco Malzoni, Antonio M. Alves de Lima, Paulo Nogueira Neto, Nheco Gomes da Silva e Lan Palma, João Barisson Villares e diversos técnicos do Departamento de Produção Animal, inclusive os organizadores de certame, também participaram do ato.

Os estatutos já prontos foram discutidos e aprovados, procedendo-se à escolha da Diretoria, eleita por aclamação e em seguida empossada, ficando assim constituída: Presidente Aldo Beretta, Vice-Presidente Paulo Joaquim Monteiro da Silva, Diretores



Severo Gomes, Francisco Malzoni e Paulo Nogueira Neto. Para Diretor Técnico, o autor Alberto Alves Santiago.

A Associação encontrou apoio de praticamente a totalidade dos criadores ds Região Sudeste e depois de muitos pecuaristas da Amazônia. Aumentava o número de criadores e cresceram os rebanhos.

Nos primeiros anos de existência a Associação funcionou em nossa sala de trabalho, na Seção de Genética e Reprodução, do Departamento da Produção Animal, localizada em prédio na rua Germanie Burcha 515. Paulo Joaquim e nós cuidávamos de todo o experiente, correspondência com os associados e divulgação de notícias. Procedemos ao registro em cartório e uma primeiras medidas foi solicitar a inscrição no Ministério da Agricultura, para a aprovação de seu Estatuto e Regulamento.

O Registro Genealógico e o padrão das raças foi aprovado pela portaria número 505 de 26 de outubro de 1966. Entretanto, devido a falta de recursos financeiros e humanos, os trabalhos do registro genealógico demoraram alguns anos, tendo sido iniciados em 1970.

No final da década de 60 desapareceu o livro da Ata da Assembléia de Fundação e de Reuniões da Diretoria. Mais tarde reorganizou-se a Associação, que passou a ser denominada Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, mais de acordo com as congêneres e determinações do Ministério da Agricultura.

Com o decorrer dos anos a Entidade veio se tornar muito atuante, contribuindo para a melhoria das condições gerais da exploração, concorrendo para o progresso das raças e a valorização dos reprodutores puros e que se revelaram melhoradores. Em alguns aspectos, colocou o Brasil na dianteira quanto aos trabalhos em prol do melhoramento dessa importante espécie Bovídea.

O extraordinário desenvolvimento da Bubalinocultura resultou no aumento das atividades da Associação e determinou o estabelecimento de delegação para a Associação Rural da Pecuária do Pará e a formação de 9 filiadas e de 7 núcleos, para o melhor atendimento de associados espalhados por diversas Regiões e Estados.

VIII

REGISTRO GENEALÓGICO

A principal atividade de qualquer Associação de Criadores é o estacionamento de um Serviço de Registro Genealógico, condição indispensável para o melhoramento genético do rebanho e garantia em sua comercialização. A primeira decisão da Diretoria foi elaborar o Regulamento e o Padrão das Raças existentes no Brasil, tarefa de que se encarregaram o Autor e Paulo Monteiro da Silva.



Os Padrões das Raças Jafarabadi e Murrah foram estabelecidos com base na literatura Anglo-Indiana e o exame e observações dos exemplares existentes em várias regiões e fazendas. Os Búfalos originários da Itália, de Santa Rosa de Viterbo e de São Miguel Arcanjo, serviram de base para a descrição do Padrão dessa variedade, inicialmente denominada Italianos.

Em nossas viagens ao Pará e a Ilha do Marajó, juntamente com Paulo Monteiro da Silva, examinamos e fotografamos inúmeros exemplares até então chamados de “Rosilhos”, encontramos em fazendas e na própria cidade de Soure, como animais de trabalho. Vieram receber a denominação mais correta, uma vez que pertenciam à subespécie *Bubalus bubalis kerebau*, origem do nome que se transformou em “Carabao”, atualmente utilizado em quase todo o Oriente.

Em 1962 a Associação encaminhamos ao Ministério da Agricultura o Regulamento do seu Registro Genealógico, incluindo o padrão de cada das raças Bubalinas – Murrah, Jafarabadi, Mediterrâneo e Carabao, que foram aprovados pela Portaria 505 de 26/10/1966, que permitiu a execução dos trabalhos de Registros iniciados em 1970 pela Associação Brasileira de Criadores de Búfalos.

Há muito tempo vínhamos discordando dos autores europeus e norte-americanos, que classificavam os Bubalinos em dois grandes grupos. “Búfalos do Rio” e “Búfalos do Pantano”. Não se justificam essas expressões, uma vez que todos eles buscam e desfrutam a água dos rios, lagos, tanques, áreas alagadas, brejos e pântanos, indiferentemente.

Os Búfalos do Rio deveriam ser divididos em dois grupos: Indianos e Europeus. Enquanto os “Búfalos dos Pântanos” deveriam receber a denominação genérica de Carabaos, para todos os tipos da subespécie existentes na Maláia, Indonésia, Indochina, Filipinas e na China, onde existem em maior quantidade.

Propusemos para os “Europeus” ou “Italianos” a denominação de “Mediterrâneo”, porquanto são comuns na Itália, Iugoslávia, Bulgária, Romênia, Grécia, Turquia e até no Egito e Tunísia, países do Litoral ou próximos ao Mar Mediterrâneo.

No contato com o especialista Ross Cockrill, que acompanhamos em suas viagens pelo criador do Estado em 1971, foi exposto nosso ponto de vista ao adotar o termo Mediterrâneo para os nossos Búfalos trazidos da Itália e a seus semelhantes existentes na Amazônia, onde eram chamados de “Pretos”.

Ross Cockrill acolheu nossa sugestão e em seu memorável livro “A Criação e a Saúde do Búfalo Doméstico”, publicado pelo FAO em 1974. Em Roma, foi adotada a expressão Mediterrâneo para todos os Búfalos daqueles países da Europa, do Oriente Médio e Norte da África, como constam na abertura de seu memorável trabalho.

